



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao final da visita à Argentina

San Miguel de Tucumán – Argentina, 1º de julho de 2008

Presidente: Primeiro, quero dizer a vocês que eu estou cada vez mais feliz com as reuniões do Mercosul, porque há uma viva demonstração de que todos nós nos convencemos de que o Mercosul e a integração da América do Sul são uma grande oportunidade para que nós possamos nos transformar num grande continente, seja do ponto de vista da nossa relação comercial, seja do ponto de vista das nossas relações políticas. Quero só lembrar a vocês que nesse período de janeiro de 2003, ou dezembro de 2002, quando nós tínhamos uma balança comercial com o Mercosul de 9 bilhões de dólares, passados cinco anos e meio, essas relações significam 29 bilhões de dólares, e não incluímos a Venezuela. Se incluirmos a Venezuela, significam 34 bilhões de dólares, sem contar com a Bolívia, a Colômbia, o Chile, o (inaudível). Isso confirma a idéia que nós tivemos, em 2003, quando resolvemos fortalecer as nossas relações com o Mercosul e com a América do Sul.

Portanto, o acordo automotivo feito pelo Brasil com a Argentina e com o Uruguai é uma demonstração de que as coisas estão andando muito bem, da mesma forma que a criação de um instrumento para ajudar as pequenas e médias empresas em todo o Mercosul é uma coisa extraordinária. O Brasil tem expertise nisso, eu penso que o Brasil pode fazer com que o seu conhecimento chegue a outros países da América do Sul e, ao mesmo tempo, nós vamos fortalecendo a Unasul. Eu estou convencido de que se pegarmos o tempo que demorou para construir a União Européia, vocês vão perceber que num prazo infinitamente mais rápido, nós vamos consolidar a Unasul. Há disposição política, há vontade política e há disposição dos governantes, além do que, nós estamos colhendo uma ação política, eu diria, exuberante na América do Sul,



com eleição de pessoas cada vez mais comprometidas com a maioria da população.

Depois, eu tive uma reunião com o presidente Chávez e com a presidente Cristina, porque nós temos duas coisas bastante semelhantes: a necessidade de discutir a questão energética e a questão agrícola. O Brasil é um país que tem um potencial energético razoável. Não temos ainda tanto petróleo como a Venezuela, mas já encontramos o suficiente para nos dar tranquilidade. A partir de setembro e de março do ano que vem, vamos começar a explorar os primeiros barris de petróleo na área do pré-sal. O Brasil e a Argentina têm um potencial agrícola de causar inveja a qualquer país do mundo, portanto precisamos trabalhar melhor as nossas similaridades e também as complementaridades para saber no que um pode ajudar o outro. Nós tomamos consciência de que precisamos trabalhar juntos para resolver a questão energética e para discutir a questão da soberania alimentar, que é um tema cada vez mais importante e cada vez mais em moda.

Foi essa a razão da minha conversa com o presidente Chávez e com a presidente Cristina. Marcamos uma reunião para discutir a Rodada de Doha, porque estamos prestes a concluir se vai haver acordo ou não. Também nunca estivemos tão próximos como estamos agora. Temos que acertar detalhes e é importante que eles sejam acertados numa conversa com a Argentina porque nós não estamos pensando apenas no Brasil. Nós estamos pensando num acordo que contemple os interesses dos países do Mercosul.

Dito isso, me coloco à disposição para perguntas.

Jornalista: Presidente, na questão do (inaudível) da Rodada de Doha, o senhor chegou a discutir com a presidente Cristina Kirchner (inaudível) publicamente. Eu queria que o senhor esclarecesse quando vão começar a ser explorados os barris de petróleo na área do pré-sal?



Presidente: Primeiro, na reunião bilateral com a presidente Cristina, eu discuti a questão da Rodada de Doha, e surgiu a idéia de que nós fizéssemos uma reunião mais ou menos no dia 14 deste mês, para levar todos os números que já estão na mesa, para que não seja apenas uma conversa, eu diria, sem (inaudível). Todos nós queremos concluir a Rodada de Doha e já sabemos que queremos beneficiar os países mais pobres.

Por isso, estamos exigindo mais abertura no mercado agrícola dos países europeus, menos subsídios nos Estados Unidos, para que os países pobres possam ter acesso aos mercados desses países. Ao mesmo tempo, nós temos a preocupação de entendimento, de que é possível flexibilizar a questão industrial e a questão de serviços, desde que isso não seja um (inaudível) para desmobilizar o crescimento industrial de países que passaram tantos e tantos anos sem poder crescer. Não é justo que, no momento em que as economias dos países do Mercosul começam a crescer, se tenha um acordo que proponha trancar ou fechar esse crescimento.

Mas eu penso que há disposição de continuar conversando. O Celso Amorim tem sido o nosso maior negociador nisso, junto com o ministro Taiana, na Argentina, e eu penso que vamos nos colocar de acordo. Quem trabalhou até agora não pode ter nenhuma dispersão neste momento.

Com relação ao pré-sal, tem duas coisas. Primeiro, o ponto de (inaudível), segundo me informou a agência Petrobras, vamos começar a tirar os primeiros barris de petróleo, já em caráter experimental, em março de 2009. Acontece que no Espírito Santo e parece-me que no Poço Jubarte, numa pesquisa da Petrobras, em que ela resolveu perfurar um pouco mais do que estava tirando, encontrou petróleo no pré-sal. Então, possivelmente na primeira semana de setembro, nós vamos começar a tirar os primeiros 10 ou 15 barris de petróleo.

Jornalista: Em Jubarte?



Presidente: Eu falei Jubarte, mas é onde está a P-34. Eu não sei se é bem em Jubarte. De qualquer forma, é no Espírito Santo.

Jornalista: O senhor (inaudível) do Mercosul criticaram bem duramente a (inaudível) da União Européia com relação a imigrantes ilegais. O Brasil, enquanto país e enquanto Estado, tem alguma medida que possa tomar para tentar contrapor essa medida, alguma medida prática (inaudível)?

Presidente: Primeiro, nós queremos tomar uma decisão conjunta. Quando se trata de ações que proíbem brasileiros e sul-americanos de entrarem em países europeus, nós precisamos primeiro fazer uma reflexão histórica para saber que muitos imigrantes vieram para cá. Nós temos portugueses no Brasil desde 1500; temos alemães desde 1850; temos italianos desde 1975; temos árabes, japoneses, espanhóis... O que nós queremos é apenas o seguinte: deixar muito claro que não é possível um mundo que na hora em que precisava de mão-de-obra, soube colocar em prática o processo mais, eu diria, ofensivo ao ser humano, que foi a escravidão, não pode, agora, querer proibir que pessoas possam transitar nos seus países, já que o capital transita livremente por tudo quanto é parte do território mundial.

Nós temos experiência, tratamos as pessoas muito bem aqui na América do Sul... E posso falar pelo Brasil: nós tratamos muito bem todos os imigrantes que lá chegaram e que fazem parte da nossa história, que ajudaram o Brasil a se desenvolver, que ajudaram na cultura, nas artes, no trabalho, na engenharia... Nós devemos o que somos a essa mistura, a essa miscigenação. O que nós queremos é apenas esse tratamento igualitário.

No momento em que os países europeus tomam atitudes e os Estados Unidos estão preocupados com a imigração, é importante a gente lembrar que a melhor forma de se ajudar a diminuir a imigração, é ajudando a desenvolver



os países pobres. Na hora que um africano tiver possibilidade de trabalhar lá, na hora que um paraguaio, um boliviano, um brasileiro ou um argentino tiverem oferta de trabalho, ninguém vai querer ficar transitando. A gente vai querer passear, isso sim. Mas ir para trabalhar, por necessidade econômica, nós não queremos. É por isso que estamos querendo acabar com os subsídios, para permitir que a relação comercial seja uma coisa mais justa e humanamente mais compreensível por todos nós.

Jornalista: Presidente, tem duas coisas que o senhor já falou, sobre (inaudível). A outra, o senhor falou da reunião com a Argentina e com o Hugo Chávez, o presidente Hugo Chávez e a presidente Cristina Kirchner, que (inaudível). Não ficou claro o que exatamente os senhores discutiram na reunião em questão.

Agora, um minutinho antes de chegar aqui, o senhor falou, e fica muito discutida aqui a questão de (inaudível) o senhor falou da especulação. Há pouco tempo o senhor determinou aos seus ministros que fizessem o que fosse possível para enfrentar (inaudível).

Eu queria saber exatamente qual a preocupação do senhor em relação aos efeitos econômicos (inaudível) sobre a inflação brasileira.

Presidente: O problema é que você é muito esperto. (inaudível) que você não compreendeu, você já fez três perguntas. Esse é o problema. Você perguntou sobre o pré-sal, sobre a conversa com a Cristina e com o (inaudível) e sobre preços dos alimentos (inaudível)

Nós agora, em setembro deste ano, vamos começar a fazer a exploração experimental lá no Espírito Santo, também numa área do pré-sal, que foi descoberta mais recentemente pela Petrobras. Em março do próximo ano, nós vamos começar a fazer a exploração, também experimental, por volta de 20 mil barris, inicialmente, no Poço Tupi. É isso que é a questão do pré-sal.



Na questão da Cristina e do Chávez, veja, eu disse o seguinte: nós temos um problema sério, energético, no continente sul-americano. Nós temos países que têm problema de energia e que nós precisamos trabalhar juntos para resolver. Nós temos problema de energia na Argentina e, na medida em que a economia continue crescendo, esse problema vem crescendo. Nós temos problema no Brasil, que hoje não temos falta de energia, mas se a economia cresce sistematicamente e você não constrói hidroelétricas, você não descobre o gás, você (inaudível), você vai ter problemas adiante.

E, nesse aspecto, a Venezuela tem gás e tem petróleo de sobra. Então, é preciso construir (inaudível), que tipo de parceria? Por outro lado, a Venezuela tem um problema de abastecimento alimentar, não produz parte do que consome, então, na hora em que a gente discutir essa complementaridade, a gente vai perceber que tanto nós poderemos resolver o problema alimentar da Venezuela, como a Venezuela pode resolver o problema energético aqui, na região. Então, nós estamos discutindo isso.

Eu penso que nós precisamos criar aqui, na questão da Argentina, Venezuela e Brasil, nós precisamos começar a nos reunir mais freqüentemente, através de nossos especialistas, para ir construindo essas possibilidades entre nós.

Nós defendemos a idéia, e tem um grupo criado pelo Mercosul e pela Unasul, para discutir a questão energética no continente, nós temos um Conselho de Energia da Unasul. E nós precisamos fazer o levantamento real de todas as possibilidades energéticas do continente para que a gente possa, a partir daí, começar a tentar explorar o máximo possível. O potencial hídrico da América do Sul ultrapassa 274 mil megawatts, e nós, portanto, temos muito pouco explorado ainda.

O petróleo que nós encontramos agora, que tem a Venezuela, que tem a Bolívia, que tem o Equador, que tem a Argentina, nós temos ainda muita coisa para explorar. Depois que descobriu-se o pré-sal, quem é que diz que não tem



mais pré-sal espalhado por esse oceano aí, que falta gente colocar uma broca e encontrá-lo?

Então, eu acho que essa é uma discussão que se faz necessária, e por isso que nós queremos nos reunir mais freqüentemente com o nosso grupo de trabalho, porque não podem ser apenas as reuniões esporádicas dos presidentes para dar solução a um problema dessa magnitude.

Com relação à inflação: eu tenho uma preocupação com a inflação, acho que desde que eu comecei a trabalhar no meu primeiro emprego, em 1959. E por que eu tenho uma preocupação com a inflação desde 1959? Porque durante toda a minha vida, eu vivi de salário e eu sei o quanto a inflação prejudica os trabalhadores que vivem de salário. E que nós não temos o direito de permitir que a inflação volte, como ela já aconteceu no Brasil e em outros países, porque o prejudicado será exatamente a parte mais pobre da população.

O que eu tenho dito? A inflação até agora, causada por alimentos, ela é, na minha opinião, apenas um alerta de que nós precisamos produzir mais alimentos, porque tem mais gente comendo, tem mais gente consumindo. Então, nós temos que produzir mais alimentos, sobretudo aquele alimento que é considerado essencial para a população de um país e, sobretudo, a população mais pobre. No caso do Brasil, o feijão, o leite, o milho, o arroz, o trigo.

Ou seja, se nós estamos fazendo essa combinação e tendo essa preocupação é porque esses produtos agrícolas são produtos sazonais, em que você pode ter a colheita a cada seis meses, a cada quatro meses e, portanto, você pode ter uma política de incentivo para que se produza mais e que, portanto, a gente tenha um estoque regulador mais (inaudível), que se permita ter uma certa regulação do mercado, tanto a nível de oferta quanto a nível de preço.



Nós vamos lançar na próxima quinta-feira, ou, melhor, amanhã estarei lançando, no Paraná, o nosso programa de produção agrícola para agricultura empresarial e na quinta-feira estaremos em Brasília, ou na sexta-feira, se não me falha a memória, lançando o Programa Mais Alimentos e financiamento para agricultura familiar, onde nós criamos um programa para dobrar a produção agrícola na agricultura familiar, até 2010. Então, nós vamos fazer – e não se enganem, se tem alguém especulando com a expectativa inflacionária, se tem alguém que tem interesse na especulação inflacionária, esse interesse não está passando nem perto do governo federal porque nós faremos o que for necessário para reduzir a inflação e não permitir que ela volte. Nós temos uma meta, ela foi redefinida ontem em 4,5%, temos total condições de controlar a inflação, temos condições de produzir o alimento que necessitamos e temos a obrigação de fazer o acompanhamento nos centros industriais que porventura estiverem exorbitando na remarcação de preços. É importante avisar: não brincaremos com a inflação. Eu vivi, como dirigente sindical, inflação de 80% ao mês. Eu vivi, como dirigente sindical, inflação de 40%. E isso não vai voltar a acontecer no Brasil. Posso dizer a vocês que não vai voltar a acontecer no Brasil.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: A primeira pergunta, foi? A questão do trigo... a presidente Cristina me comunicou que já liberou 500 mil toneladas para o Brasil, liberou um pouco para a Bolívia, e na medida em que volte a normalizar a produção de trigo, volta a normalidade das exportações e dos contratos com o Brasil.

A segunda, com relação ao discurso do companheiro Chávez... Eu, antes do Chávez falar, e antes de saber que ele ia falar da Quarta Frota... nós temos discutido isso no Brasil... eu pedi ao ministro Celso Amorim que pedisse à Secretária de Estado Americano informações sobre os objetivos dessa



Quarta Frota. Nós agora descobrimos petróleo em toda a costa marítima brasileira, a 300 Km da nossa costa, e nós, obviamente, queremos que os Estados Unidos expliquem qual é a lógica dessa Quarta Frota, pois nós vivemos numa região totalmente pacífica. Ou seja, a nossa única guerra – e essa guerra, nós vamos vencê-la, temos todas as armas - é a guerra contra a pobreza e a guerra contra a fome. Então, se fosse frota de navios de alimentos ou frota de navios excedentes, seria até razoável. Mas eu penso que o ministro Celso Amorim haverá de obter uma resposta da Condoleezza.

Pronto, meninas e meninos, posso me retirar? Vou para o Paraná ainda...

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Todo ano – eu estou na Presidência há 5 anos e meio – e todo ano nós discutimos a questão da energia com o governo argentino e com o governo uruguaio. O ministro de Minas e Energia da Argentina esteve no Brasil, teve uma conversa com o nosso (inaudível). E nós, certamente – eu quero dizer também de público, aqui – nós, certamente, não iremos deixar que o povo argentino sofra por conta do frio, por falta de energia. Obviamente, nós não temos gás para mandar para a Argentina porque também somos importadores de gás da Bolívia, mas nós poderemos exportar energia elétrica que temos e, graças a Deus, os lagos brasileiros estão cheios, nós temos linhas de transmissão e poderemos ajudar os países amigos.

Por isso, nós estamos trabalhando fortemente a integração sul-americana em energia. Porque se nós fizermos uma linha de transmissão ligando todos os países da América do Sul, significa que nós vamos ter muito menos problemas. Você pode transportar energia da Venezuela, você pode transportar energia do Peru, você pode transportar energia de onde tiver para a Argentina, da Argentina para o Brasil.



E é por isso que a questão das linhas de transmissão são, para nós, tão importantes quanto achar o próprio petróleo. Quem é brasileiro sabe que, no apagão de 2001, nós tínhamos excesso de energia no Sul do País, não tínhamos linha de transmissão e, por isso, não pudemos transferir energia para o Centro-Sul brasileiro, para São Paulo, sobretudo, e Minas Gerais. Agora, esse problema está resolvido e nós queremos fazer a integração da América do Sul.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, sempre haverá vontade política de negociar qualquer coisa. Eu sou um negociador, eu diria, quase que de origem. Comecei a minha vida política negociando, perdi 20 anos da minha vida negociando com empresários em situações boas e em situações adversas.

O Brasil tem, no meu governo, a consciência de que cabe ao Brasil, como maior economia do Mercosul, fazer todo o esforço para permitir que os países menores possam ter as oportunidades de se desenvolver. Nós temos o compromisso de fazermos a linha de transmissão até Assunção, porque não é compreensível que o Paraguai tenha 50% da energia de Itaipu e tenha apagão em Assunção. Não é admissível e, portanto, nós vamos... está sendo feito o projeto executivo e nós pretendemos fazer a linha de transmissão até lá. Vamos esperar o companheiro Lugo tomar posse, em agosto. E quando o Lugo tomar posse, vamos sentar na mesa para negociar, vamos ver quais são as demandas do novo presidente do Paraguai, para a gente poder começar a conversar.

Eu só posso lhe garantir que é total a nossa disposição de facilitar os países de menor porte econômico que o Brasil, para que tenham possibilidades de crescerem e de se desenvolverem. Está bem? Obrigado.

(\$31DGJLMQ)